

A RELIGIOSIDADE E SUAS ROUPAGENS: SER OU SER?

Claudir Burmann*

Resumo

É a religiosidade uma das dimensões fundamentais da vida humana? Essa é uma questão, cuja resposta definitiva ainda não se sabe. Entretanto, diversos estudiosos situam a irrupção da religiosidade junto ao surgimento do *homo sapiens* e a afirmam como parte da essência humana. Assim como pensar, raciocinar, ter consciência de que existimos, a vivência religiosa é considerada algo próprio e intrínseco aos humanos. E, a partir da observação da presença do fenômeno religioso em diferentes sociedades, percebe-se como assume roupagens variadas em contextos específicos. Por mais que a ciência e a racionalidade avancem de forma muito positiva em novas descobertas, a religiosidade continua presente na vida humana. Assim, a religiosidade se mantém em diferentes contextos contemporâneos, apesar de nem sempre ser admitida. O presente artigo empreende e aprofunda essa análise.

Palavras-chave: religiosidade, fenômeno religioso, vivência religiosa.

Summary

Is religiosity one the fundamental dimensions of the human life? This is a question whose definitive answer is not known. However, several scholars place the eruption of religiosity together with the emergence of the *homo sapiens* and hold it as part of the human essence. As well as to think, to reason, to be aware that we exist, religious experience is considered something in its own right and intrinsic to humans. From the observation of the presence of the religious phenomenon in different societies, it is perceived as taking different guises in specific contexts. Even as science and rationality in a very positive move forward to new discoveries, the religious phenomenon continues to be present in human life. Thus, religion is kept in different contemporary contexts, although not always admitted. This article undertakes and deepens this analysis.

Keywords: religion, religious phenomenon, religious experience.

Ser humano: ser religioso?

Uma das perguntas relacionadas ao estudo do fenômeno religioso na vida humana é desde quando o ser humano manifesta seu modo de ser religioso. Inúmeros estudos têm sido realizados em perspectivas diversas com conclusões divergentes. Diversos saberes, como, por exemplo, História das Religiões,

* Graduado em Ciências Sociais e Teologia, pós-graduado em Ciências da Religião, mestre em Teologia na Linha de Pesquisa Práticas Sociais e Cuidado – Gestão e Redes Sociais. Atua como docente na Fundação Universidade Regional de Blumenau/SC-FURB, no curso Ciências da Religião – Licenciatura em Ensino Religioso e no Centro Universitário Católica de Santa Catarina, Joinville/SC, no curso de Teologia. E-mail: ir.mann@hotmail.com.

Sociologia, Filosofia, Psicologia, Ciências da Religião e Teologia, têm feito afirmações dissonantes. Mesmo dentro de cada uma das disciplinas que em algum momento se ocupou com a questão há pensamentos até opostos. Evidentemente, isso é salutar para a investigação científica acerca desse fenômeno, uma vez que desencadeia sempre novos processos de investigação, estudo e reflexão.

A relevância da questão está no debate em curso nos últimos anos com afirmações no sentido de que se está indo cada vez mais para uma sociedade pós-metafísica ou pós-religiosa. Entretanto, mesmo estudiosos e debatedores da questão não são concordantes entre si acerca do modo em que isso estaria se processando. Ferry e Gauchet¹, filósofos franceses, são exemplos desse debate que há tem estado em voga. Há concordância no fato de mudanças profundas estarem em andamento no âmbito dos fenômenos religiosos e o que deles decorre. Porém, enquanto um fala das mudanças em curso como nova forma de manifestação do sagrado, com certa humanização do divino e, o inverso, certa divinização do humano, outro insiste que a religião está saindo de cena cada vez mais com afastamento e separação cada vez mais amplo entre o ser humano e Deus.

De outra parte, num contexto próprio, Negrão, sociólogo brasileiro, faz uma abordagem acerca das mudanças que têm ocorrido em torno do fenômeno religioso ao longo da história. Fala do encantamento e do desencantamento que foi ocorrendo no relacionamento entre religião e mundo. Esse autor conclui que

... a religião está aí, continua a existir, tem o seu próprio espaço estabelece interfaces com as demais esferas da vida social, cooperativas ou conflitivas. Nem secularização entendida como condenação ao desaparecimento, nem dessecularização entendida como retorno a um passado definitivamente ultrapassado, mas, simples permanência enquanto fato social dinâmico, complexo e digno de ser conhecido².

De certo modo, isso vai a desencontro de posicionamentos que afirmam o retorno ao sagrado ou retorno do sagrado ou, ainda, revanche do sagrado no contexto contemporâneo. Afinal, o sagrado nunca deixou de estar presente para ocorrer um retorno ao mesmo, embora tenha passado, desde sempre, por crises, reformulações e manifestação sob novos formatos e fenômenos.

¹ FERRY, Luc; GAUCHET, Marcel. *Depois da Religião: o que será do homem depois que a religião deixar de ditar a lei?* Rio de Janeiro: Difel, 2008. Esse livro traz um interessante debate entre esses dois autores, cujas posições são mencionadas resumidamente nesse parágrafo.

² NEGRÃO, Lísias Nogueira. Sobre os deuses que nunca se foram: somos encantados ou desencantados. p. 140. In: AUGUSTO, Adailton Maciel (Org.). *Ainda o Sagrado Selvagem*. São Paulo: Fonte Editorial; Paulinas, 2010. p. 131-154.

Nesse debate, é fundamental ter presente o ponto de partida de cada afirmação e posicionamento, ou seja, a partir de onde e de qual realidade o ponto de vista é manifestado. O *locus vivendi*, bem como as opções ideológicas e religiosas de cada autor, são condicionantes e determinantes aos posicionamentos emitidos. Afinal, o ponto de vista sempre depende da vista que se tem do ponto e das intenções e opções presentes no olhar de cada autor ou autora. Não há posicionamento livre de subjetividade por mais objetivo que pretenda ser. A partir disso, compreendem-se os posicionamentos opostos encontrados na literatura que aborda o assunto.

É clássica a afirmação que encontramos em Eliade, enquanto historiador das religiões, no sentido de que o sentimento religioso, ou mais, a busca pelo sagrado é algo inerente à existência humana. Esse estudioso afirma:

Em suma, o sagrado é um elemento na estrutura da consciência, e não uma fase na história dessa consciência. Nos mais arcaicos níveis de cultura, *viver como ser humano* é em si um *ato religioso*, pois a alimentação, a vida sexual têm um valor sacramental. Em outras palavras, ser – ou, antes, tornar-se – *um homem* significa ser “religioso”³.

Evidentemente, Eliade apresenta extensa investigação acerca do fenômeno religioso que corrobora sua compreensão e afirmação. Conforme esse autor, apesar da “opacidade” semântica de documentos pré-históricos, o ser humano pré-histórico já tinha uma “religião”, embora seja difícil determinar seu conteúdo⁴. Nesse sentido, Eliade elabora sua compreensão rebatendo inclusive os posicionamentos manifestados acerca do fenômeno religioso ao longo do século XIX e XX por distintos estudiosos e mestres.

A partir de outra ótica e com abordagem própria, Küng, teólogo, também se posiciona nessa direção. De acordo com Küng,

Desde suas primeiras origens, o homem é religioso. Os cultos tornaram e tornam possível interpretar os mistérios da vida e da morte. Desde os tempos mais remotos o homem busca felicidade, salvação e cura. O que muitas vezes nos parece não ter nenhum sentido e provoca nossa admiração, aqui possui sua lógica própria, sua função própria. Nem tudo é superstição, magia, ou mesmo obra do demônio, como pretenderam os europeus⁵.

Esse autor, na obra em que a citação acima é extraída, analisa diferentes tradições religiosas, buscando destacar pontos comuns capazes de cooperar para a promoção de uma forma mais pacífica de convivência entre a humanidade e o mundo

³ ELIADE, Mircea. *História das Crenças e das Ideias Religiosas I: da idade da pedra aos mistérios de Elêusis*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 13. Grifos do autor.

⁴ ELIADE, 2010, p. 19.

⁵ KÜNG, Hans. *Religiões do Mundo: em busca de pontos comuns*. Campinas: Verus, 2004. p. 42.

circundante. Nesse sentido, compreende a religiosidade como algo inerente ao ser humano para sua autocompreensão e autoafirmação, sendo que aponta a um potencial positivo que lhe seria própria para a implementação de uma nova ética planetária.

Ainda na mesma direção dos autores anteriores, encontramos Croatto que, através do estudo fenomenológico da religião, muito além do estudo do fato religioso em si, busca estudar e compreender a intencionalidade, o significado e o sentido da experiência religiosa para quem a vive – o *homo religiosus*. Croatto afirma que:

Todas as culturas e todos os povos tiveram e têm uma expressão religiosa. Dizer “expressão” é falar de manifestações de ordem religiosa que têm seu veículo na simbologia, na linguagem, na literatura, na arte, em rituais variadíssimos, nos corpos doutrinários, em modelos de vida. Aquilo que é expresso de tantas maneiras, que de fato compreende todos os registros da atividade humana, é algum tipo de *experiência* do transcendente⁶.

Croatto ressalta a importância que a experiência religiosa tem para o *homo religiosus*, sendo que somente a partir dessa ótica é que seria possível apreender as expressões religiosas da maneira mais correta. Nesse sentido, entende que, desde sempre, o modo de ser religioso tem sido parte do existir humano. O próprio modo de expressão do ser humano em diferentes circunstâncias estaria perpassado de alguma maneira, explícita ou implicitamente, por elementos religiosos.

De outra parte, se é possível perceber expressões religiosas presentes na vida humana desde sempre, mesmo assim pode-se colocar a pergunta se assim sempre será ou terá que ser. Num tempo em que tudo que é cognoscível é volátil – mais que líquido – o fenômeno religioso em suas mais variadas formas não poderia passar ileso a questionamentos. Também no contexto do estudo do fenômeno religioso, não há o que deva estar imune a investigações, mesmo que para certas compreensões isso represente apostasia. É claro que em outras compreensões a profunda investigação acerca do fenômeno religioso representa até mesmo um estímulo a uma fé cada vez mais esclarecida.

É importante considerar que, de fato, o fenômeno religioso tem passado por transformações constantes ao longo da história, sendo que no contexto contemporâneo não é diferente. Entretanto, não há parâmetros, por ora, para afirmar sua eterna permanência ou definitiva retirada da existência humana em algum momento. Há que se considerar que a forma de ser dos fenômenos religiosos tem

⁶ CROATTO, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 9. Grifos do autor.

sido muito variada, sendo que cada formato tem peculiaridades muitas vezes contraditórias em outros contextos sociais. Enfim, o ser humano continua religioso – mesmo que manifeste a não crença em algum deus ou deuses.

O fenômeno religioso e suas roupagens

Ao falar de religião, religiosidade ou fenômeno religioso, é necessário ter presente que são termos que têm longa história e nem sempre tiveram o significado que na atualidade lhe são conferidos. Quer dizer, o conceito que essas terminologias evocam não é unívoco. Desse modo, é fácil entender a razão de haver uma multiplicidade de explicações do que é religião e a maneira em que é expressa nos diversos contextos culturais e sociais. Assim também a função que uma tradição religiosa desempenha através da religiosidade em que se manifesta e do fenômeno em que se concretiza varia de situação a situação. Ora sua função pode ser de legitimação, ora pode ser um elemento profundamente desestabilizador de determinadas realidades. Diversos estudiosos já se debruçaram nessa análise, percebendo a variabilidade funcional das religiões.

Dentre as muitas possibilidades de descrever seu sentido, Meslin⁷, especialista em antropologia religiosa, destaca a palavra religião: a) enquanto sistema de crenças e práticas – noção presente na palavra latina *religio*; b) como verdade absoluta para seus fieis e aos que a praticam – apesar de ser experiência histórica, portanto relativa, torna-se parâmetro para julgar outras práticas; c) na função legitimadora da realidade cotidiana e da sociedade construída pela atividade humana – sob o aspecto sociológico; d) como impulsionadora para, além da devoção a algum deus, mover para ação em relação a outras pessoas – como reflexo pessoal do ser humano religioso; e) enquanto justificadora das atitudes e ações humanas – num cunho existencial. E, assumindo palavras de um bispo anglicano, Meslin afirma que “A religião é aquilo pelo qual um homem vive; um homem pode viver pelo whisky ou pelos dividendos, por sua mulher e seus filhos ou pela nova Jerusalém: isso é sua religião”⁸.

Evidentemente, há aspectos na compreensão do autor acima que podem ser questionados. Apesar de seu amplo conhecimento também de tradições religiosas

⁷ MESLIN, Michel. *A Experiência Humana do Divino: fundamentos de uma antropologia religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 38.

⁸ MESLIN, 1992, p. 39.

não teístas, o que mais está presente em sua abordagem são tradições religiosas monoteístas, especialmente o cristianismo, o judaísmo e o islamismo. Como já mencionado, uma religião nem sempre cumpre apenas uma função legitimadora da realidade ou de sociedades como nem sempre tem intenção de impulsionar para alguma ação em relação a outras pessoas. Nem todas as religiões têm alguma preocupação ética e moral. De todo modo, os aspectos que menciona acerca do sentido da palavra religião têm sua relevância em apontar para além de uma significação muito restrita do termo.

Num modo tradicional, o termo religião tem sido relacionado à necessidade que o ser humano teria em estabelecer uma religação – geralmente a um deus ou divindade. Nesse sentido, muitas vezes, ao se falar acerca de transcendência, igualmente esse termo tem sido relacionado a uma religação com algum deus ou divindade. Evidentemente, a partir da leitura de determinados contextos isso faz sentido. Entretanto, a religação do ser humano pode ser consigo mesmo, a desejos ou a possibilidades, independente da crença em divindades externas a ele próprio. Quer dizer, mesmo quem se posiciona como não crente em algum deus ou deuses, nem por isso necessariamente deixa de manifestar o lado religioso ou a necessidade de se religar em sua existência, mesmo que sejam questões visíveis e palpáveis, aparentemente profanas. Assim, no mundo contemporâneo, o fenômeno religioso tem revelado novas faces em sua manifestação.

Do mesmo modo, a afirmação de transcendência não precisa ter o sentido de transportar a pessoa para algum além sobrenatural a partir de sua crença. Por exemplo, Ferry, ao falar de transcendência⁹, aponta que sua noção “não é redutível à de heteronomia ou de dependência radical”, embora seja uma compreensão existente e válida. É perfeitamente possível e viável a compreensão de transcendência afirmada e concretizada na imanência. Ou seja, vivenciada no horizonte cotidiano em que o ser humano está necessitado de transpor permanentemente sua situação de vida, seja através de pequenos ou maiores sonhos e atitudes, seja através de satisfações materiais ou imateriais. Nesse sentido, o próprio desejo de transcendência é uma dimensão inerente ao ser humano, independentemente de haver ou não crenças em entes externos subjugadores ou não de seu ser.

⁹ FERRY; GAUCHET, 2008, p. 27-28.

É certo que o fenômeno religioso nem sempre se manifestou com a mesma intensidade em diferentes momentos históricos nas diversas sociedades. Em diferentes épocas já houve a sensação de que o fenômeno religioso estava enfraquecendo. Ou, na compreensão mais comum, que os deuses ou os espíritos estavam abandonando as pessoas, deixando-as “ao leu” ou a seus próprios (des)cuidados. Infinitos rituais podem ser encontrados nas mais diferentes sociedades, buscando trazer de volta a presença das divindades e suas benesses. Isso abrange práticas tanto em tradições religiosas politeístas como monoteístas, sendo um pouco diferente, é claro, em tradições religiosas não teístas.

Nem sempre o ser humano expressou essa questão de modo racional e organizado num pensamento lógico. Em seu cotidiano, a distância, o afastamento aparente ou o sentimento de ausência das divindades em sua vida tem sido sentido e vivenciado na forma de tristezas, angústias, desalentos, chegando a situações extremas até mesmo a dar cabo de sua vida. Entretanto, cedo ou tarde, as divindades reaparecem com mais intensidade outra vez, revelando que continuam ativos e que o fenômeno religioso não está extinto. Pode-se deduzir que as divindades apenas haviam pedido licença para retornarem com nova roupagem, em princípio, até estranha a seus veneradores e adoradores. Após algum tempo, porém, a adaptação mútua ao modo de ser de cada qual novamente se estabelece.

Quer dizer, o fenômeno religioso, seja de qual tradição religiosa for, é algo dinâmico e passa por mutações, ora mais, ora menos evidentes. Aos olhos do *homo religiosus*, que vivencia essas transformações, isso muitas vezes é algo imperceptível. Outras vezes, é motivo de conflito e resistência até uma reacomodação de rituais e simbologias se restabelecerem. A reacomodação pacífica ou conflituosa depende geralmente da intensidade com que as transformações no modo de ser do fenômeno religioso se processam. Nessa direção, Meslin¹⁰ menciona que se trata de um fenômeno humano, cujas raízes se firmam em realidades socioculturais, e que em outro contexto sociocultural pode ter seu equilíbrio de adaptação e aculturação dificultado.

Nessa dinâmica, é inevitável a influência recíproca entre contextos vivenciais e o *proprium* do fenômeno religioso. É aí que ocorrem os sincretismos inerentes a todo fenômeno religioso, razão de mutações em uma mesma tradição religiosa

¹⁰ MESLIN, 1992, p. 197.

existente em contextos geográficos e sociais diferentes. Embora muitas vezes se atribua sincretismo apenas a determinadas tradições ou manifestações religiosas, se não impossível, é difícil encontrar expressões religiosas que não tenham incorporado elementos contextuais. Esses elementos, sejam símbolos, rituais, doutrinas ou outros, geralmente são adaptados e incorporados de variados contextos e, após algum tempo, passam a ser considerados próprios da tradição religiosa que deles se apossou. Nesse sentido, as tradições religiosas, de modo geral, são uma mescla de elementos diversos que foram se acomodando ao longo dos tempos, consolidando a maneira em que atualmente se apresentam.

Reimer, teólogo, estudioso e investigador dos textos que compõem escrituras sagradas judaico-cristãs, exemplifica a questão acima. Segundo esse autor, especificamente na constituição das tradições do chamado povo hebreu, ou povo de Israel, ou povo de Deus, houve um intercâmbio cultural e religioso muito intenso com povos circunvizinhos, caracterizando uma construção sincrética de grande envergadura. Reimer afirma que “Israel toma de empréstimo elementos culturais de povos e grupamentos humanos vizinhos. Mas provavelmente também fornece elementos aproveitáveis pelos vizinhos”¹¹. Nesse caso, pode-se dizer que houve uma variedade enorme de elementos culturais e religiosos existentes previamente na região do Oriente Médio que influenciaram na formatação do que hoje é conhecido e tido como próprio do judaísmo ou mesmo do cristianismo.

Nessa direção, Croatto¹² aponta que a experiência religiosa é fundamentalmente experiência humana e, enquanto tal, uma vivência relacional. Sua relacionalidade se dá com o mundo – a natureza e a realidade que nele há, com outros indivíduos e com grupos de pertença em sociedade. Além disso, a própria dimensão individual humana com seus desejos, projetos ou frustrações faz parte da formulação de experiências de vida componentes de experiências religiosas e traduzidas nos mais variados fenômenos. É nesse processo que ocorrem trocas, incorporações, adaptações de elementos que perfazem o conjunto de representações de determinada religiosidade. Isso tudo é parte do sincretismo presente nos fenômenos religiosos.

¹¹ REIMER, Haroldo. *Inefável e Sem Forma: estudos sobre o monoteísmo hebraico*. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2009. p. 63.

¹² CROATTO, 2010, p. 41-42.

Assim, o fenômeno religioso vai assumindo variadas roupagens ao longo de toda história humana sob influência de distintos fatores e contextos das diferentes épocas. Em diversos momentos da história, esse processo inclusive levou religiosidades ao ocaso, impulsionando a emergência de novas maneiras de expressão religiosas. Pode-se dizer que já desapareceram muito mais religiosidades – e deuses – do que o que se encontra ativo no tempo contemporâneo. Ou seja, desde sempre crises envolveram o fenômeno religioso, sendo que, nem por isso, chegou à extinção.

E isso está presente inclusive no tempo contemporâneo. Desse modo, também é possível compreender como determinada tradição religiosa assume uma veste ora mais liberal ora mais ortodoxa. A incompreensão dessa dinâmica, não raro, conduz a dissidências internas às tradições religiosas. A realidade religiosa brasileira é um campo em que se pode observar com vigor essa questão. As roupagens com que a religiosidade das pessoas se reveste nesse contexto tem motivado a multiplicação de dissidências, seja para pretensamente resguardar formas e fórmulas seja para inovar formas e fórmulas. Diversos elementos criticados em determinada prática ressurgem tão somente ressignificados em outra prática.

Em relação à realidade religiosa brasileira em específico, ainda é fato relativamente recente a transição que tem ocorrido do campo para a cidade, em outros termos, o processo de urbanização. O fenômeno religioso em sentido amplo e a religiosidade das pessoas em sentido estrito têm passado por mutações profundas. A maneira de expressão religiosa é diferente em cada contexto. Nem por isso é possível dizer que a ou as divindades são outras. Entretanto, a roupagem é outra, de modo que pareçam mais próximas à pessoa crente, seja de qual tradição religiosa for. Pessoas que vivem em meio a florestas, outras que vivem no campo ou outras que habitam em contexto maciçamente urbano, todas vivenciam sua religiosidade com roupagem própria, mesmo que não o reconheçam ou tenham consciência disso.

Além do mais, importante é constatar que no tempo contemporâneo o invólucro do fenômeno religioso nem sempre se deixa perceber como tal, sendo que o que muitas vezes se apresenta como secular ou mundano nem sempre o é de fato. Aliás, no caso da questão do secular versus mundano, no fundo, trata-se de contraposição incoerente. Afinal, o religioso pode parecer secularizado e o que se imagina como secular pode se estar revestido com religiosidade. Nem sempre as

vestes deixam evidente o conteúdo de um fenômeno e no caso dos fenômenos religiosos não é diferente.

A partir disso, é necessário ter presente que religiosidade não é necessariamente a afirmação da crença em deus, deuses, divindades e coisas do gênero. A existência de tradições religiosas não teístas atesta essa questão. Entretanto, mesmo nas estruturas sociais não consideradas enquanto instâncias especificamente religiosas, formas de religiosidade se fazem presentes. A necessidade de transcender sua própria incompletude e finitude leva o ser humano a estabelecer ligações ou religações que lhe tragam satisfação, prazer ou a sensação de estar sendo bem sucedido. Nesse sentido, aquilo pelo que vive, seja a busca de riqueza, a necessidade de consumo, sua família ou até a ingestão de entorpecente pode estar se constituindo numa forma muito própria de religiosidade, revestindo o fenômeno religioso com roupagem muito peculiar.

O fenômeno religioso e seu futuro

Sem dúvida, em certos contextos socioculturais, há um colapso em torno de determinadas tradições religiosas em andamento. As mudanças que têm ocorrido nos séculos recentes e, principalmente nas últimas décadas, têm desmoronado sistemas religioso-teológicos, além de outras compreensões sociológico-filosóficas. As novas tecnologias têm transformado a economia em nível global, mas também os relacionamentos locais. Além disso, a consciência do tamanho do mundo global tem levado a perceber que muitas crenças são insignificantes e costumes, tradições e valores não precisam ser eternizados como parecia necessário. Relacionado a isso, Cupitt, filósofo da religião inglês, pergunta:

Portanto, se sabemos que a crença no sobrenatural está fora de moda e intelectualmente em más condições, por que relutamos tanto em abandoná-la? A resposta é que, apegando-nos ao que resta de nossas velhas crenças, podemos adiar a crise que teremos de enfrentar quando elas estiverem finalmente perdidas¹³.

Evidentemente, trata-se de uma posição específica e a partir de uma concepção intelectual própria.

Outro filósofo francês, Onfray, também elabora críticas perspicazes e contundentes ao modelo religioso em voga, baseado na afirmação teológica monoteísta. A fé religiosa em algum deus é caracterizada como infantilismo mental

¹³ CUPITT, Don. *Depois de Deus: o futuro da religião*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 77.

ou mesmo miséria espiritual. Esse autor se autoafirma como ateu, alguém “livre diante de Deus – inclusive para logo negar sua existência...”¹⁴. Onfray propõe um processo de desconstrução dos três monoteísmos – judaísmo, cristianismo e islamismo –, desconstrução do cristianismo e desconstrução de teocracias. Afirma que

se recusamos a ilusão da fé, as consolações de Deus e as fábulas da religião, se preferimos querer saber e optamos pelo conhecimento e pela inteligência, então o real nos aparece tal como é, trágico. No entanto mais vale uma verdade que desespera imediatamente e permite não perder completamente a vida colocando-a sob o signo do morto-vivo do que uma história que consola na hora, certamente, mas nos faz passar ao largo de nosso único verdadeiro bem: a vida aqui e agora¹⁵.

Entretanto, a partir de outra compreensão, a religiosidade pode ser vivenciada na afirmação da autonomia humana, tendo a própria potencialidade humana como mais ou menos absoluta. Religiosidade não precisa estar concebida como dependência humana em relação a deuses e divindades que de algum além sobrenatural controlam e manipulam seus subjugados. Ao mesmo tempo, isso não precisa significar o fim das tradições religiosas ou fim dos deuses. No modo dinâmico em que o fenômeno religioso tem se revelado, cedo ou tarde, o que parecia ter desaparecido pode ressurgir outra vez em nova roupagem.

Compreendido como inerente à existência humana, o fenômeno religioso se manifesta muito além das estruturas religiosas institucionalizadas e tidas como oficiais. Numa concepção mais alargada acerca de religião, religiosidade e fenômeno religioso, é possível afirmar que novos templos religiosos têm se constituído: por exemplo, *shopping centers* (religação consigo pelo consumo), avançados centros de ciência e tecnologia (religação consigo pelo saber), parques de diversões (religação consigo pelo prazer) ou ainda as “cracolândias” (religação consigo pelo êxtase). Se em alguma conceituação religião já foi caracterizado como fuga da realidade, essas novas formas nesses novos templos não fogem necessariamente desse conceito.

Pode-se dizer que toda religiosidade contém racionalidade própria, a partir de quem a pratica. Não é sem razão para seus seguidores. Também as críticas contundentes a formas religiosas específicas trazem em seu bojo uma nova forma relacional consigo e com o mundo circundante. Sob esse aspecto acabam se

¹⁴ ONFRAY, Michel. *Tratado de Ateologia: física da metafísica*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007. p. 15.

¹⁵ ONFRAY, 2007, p. 55.

postando como nova possibilidade e nova opção para estabelecer a religião do ser humano com sonhos, desejos e projetos. Essas críticas não são desprovidas da afirmação de transcendência na imanência, tendo o mundo concreto e a vida cotidiana como palco. Nesse sentido, essas manifestações críticas não fogem da racionalidade e lógica presente em outras formas de religiosidade.

Enfim, é certo que em diferentes períodos históricos têm havido a predominância de determinados pensamentos e práticas religioso-filosóficas. O teocentrismo é característico de determinado período. O antropocentrismo igualmente é uma marca de um período histórico. Talvez estejamos na transição a um novo tempo com ênfase no ecocentrismo (ênfase na preservação do universo) ou “caninocentrismo” (ênfase no cuidado a animais – cuidado muito maior que a seres humanos que padecem mundo afora). Outros períodos se sucederão dentro da dinâmica da existência. E o fenômeno religioso perpassa todos os períodos assumindo vestes e roupagens novas e próprias em todas as situações.

De algum modo, praticamente em todas as situações da vida o fenômeno religioso acaba sendo considerado, seja positiva e negativamente. Isso, por si só, já demonstra seu reconhecimento, independentemente de ser determinante ou não dentro de diferentes realidades e contextos. Dificilmente algum dia deixará de se manifestar reconhecidamente ou não.

Referências:

CROATTO, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

CUPITT, Don. *Depois de Deus: o futuro da religião*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

ELIADE, Mircea. *História das Crenças e das Ideias Religiosas I: da idade da pedra aos mistérios de Elêusis*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FERRY, Luc; GAUCHET, Marcel. *Depois da Religião: o que será do homem depois que a religião deixar de ditar a lei?* Rio de Janeiro: Difel, 2008.

KÜNG, Hans. *Religiões do Mundo: em busca de pontos comuns*. Campinas: Verus, 2004.

MESLIN, Michel. *A Experiência Humana do Divino*: fundamentos de uma antropologia religiosa. Petrópolis: Vozes, 1992.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Sobre os deuses que nunca se foram: somos encantados ou desencantados. In: AUGUSTO, Adailton Maciel (Org.). *Ainda o Sagrado Selvagem*. São Paulo: Fonte Editorial e Paulinas, 2010. p. 131-154.

ONFRAY, Michel. *Tratado de Ateologia*: física da metafísica. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

REIMER, Haroldo. *Inefável e Sem Forma*: estudos sobre o monoteísmo hebraico. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2009.